

Entrevista

Vanda Witoto¹

Formiga brava da Amazônia

Daniela Franco Carvalho²

Caroline Barroncas de Oliveira³

Mônica de Oliveira Costa⁴

Fomos recebidos por ela, Vanda Witoto, no portão de sua casa, no Parque das Tribos, em Manaus, no Amazonas. Com um sorriso largo, um chapéu de trançado e um colar de fibras com um pingente vermelho de sementes e penas, convidou-nos a entrar. Passamos por um quintal com diversas plantas e resquícios de materiais de construção. Mais acima, ao lado direito, havia um deque de madeira com um grafite ao fundo e uma rede esverdeada em toda a extensão da área. Fomos convidados a sentar numa mesa com cadeiras e a experimentar o açaí recém batido em meio às folhagens de palmeiras. Vanda sentou-se na rede e começou a contar sobre aquele lugar, as reformas estruturais que conseguiram fazer, e a casa ao lado, pertencente a seus pais. Falou sobre como mobilizou a comunidade durante a calamidade de covid-19, de modo a atender, da melhor forma, os parentes das diversas etnias que

¹ [@vandawitoto](#).

² Doutora em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4476-7903>. E-mail: danielafranco@ufu.br.

³ Doutora em Educação em Ciências e Matemática. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8430-2855>. E-mail: cboliveira@uea.edu.br.

⁴ Doutora. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3771-3955>. E-mail: mdcosta@uea.edu.br.

habitam o bairro. Uma voz calma e forte. Atenta às nossas perguntas, explicou acerca do ateliê de costura que vislumbramos ao fundo. *Derequine, em referência à formiga brava saúva. A moda foi um marcador muito importante para a gente, porque o artesanato é a forma autêntica de expressão indígena e, na pandemia, as mulheres não podiam mais vender seus produtos que passavam pela cestaria, pela cerâmica. A arte abre caminho para entrar onde a gente não entra. E, assim, nasceu o ateliê que costura moda ancestral, com vestimentas, com grafismos. Minha mãe aprendeu a costurar em Amaturá, onde eu nasci, na Aldeia Colônia. Originalmente, meu povo é da Colômbia, mas devido às violências históricas pela exploração da borracha, houve um processo de fuga para sobreviver, que se mistura à religião, com a imposição da língua portuguesa, que acaba com a cultura e produz um apagamento. Mais de cinquenta mil Witotos foram mortos. Nossos velhos não conversavam com a gente na nossa língua Witoto. Não queriam mais que a gente fosse Witoto, para que a gente não se lembrasse mais de todas as violências que sofreram. Na periferia você não diz que é indígena. A forma de sobreviver era esquecer tudo. Mas, neste território, a gente se fortalece com outros parentes. Quando eu vim para Manaus, fui trabalhar de empregada doméstica para ter moradia e comida. Vocês podem imaginar tudo o que passei, mas foi mais porque sofri muito preconceito. E, mesmo assim, eu não parei de estudar. Meu pai sempre me estimulou para que eu pudesse terminar o ensino médio para conseguir um emprego melhor. Uma professora a indicou para uma vaga numa confeitaria e, ali, começou a ser incentivada pelo dono a fazer cursos de gestão, ao mesmo tempo em que iniciou os estudos para técnica em enfermagem. Eu comecei a me imaginar na universidade. Os cursos na área da saúde eram em tempo integral e eu não podia custear. Aí eu quis fazer pedagogia. Um amigo me falou que na UEA⁵ eu podia me inscrever por cota indígena. Fui aprovada em primeiro lugar, mas, para me matricular, precisava do Registro de Nascimento Indígena (Rani), documento que eu não*

⁵ Universidade do Estado do Amazonas.

conhecia e que despertou muitas dúvidas sobre a minha origem. No documento tinha meu nome – Derequine – e dizia do meu povo: Witoto. Aí eu fui perguntar para o meu pai porque não falávamos a língua e porque eu não sabia nada da nossa história. E foi assim que eu passei a saber mais sobre mim e da minha ancestralidade, de como minha avó saiu fugida de canoa e como cheguei até aqui para estar conversando com vocês hoje. Ao ser questionada acerca do que viveu na universidade para contribuir na constituição da mulher que é hoje, respondeu: no início das aulas, eu me apresentei para a turma com meu nome de branco “Vanderlecia Ortega”, mas, depois que um colega se apresentou com o corpo todo pintado, saudou os colegas em sua língua materna e se disse Francisco Maricaua, eu não me senti mais sozinha. Eu pedi para me reapresentar e me disse Vanda Witoto. A partir daí, eu passei a fortalecer as identidades indígenas que estavam apagadas e a perceber a universidade como um território. Eu me reconheci indígena aos 27 anos de idade. A minha trajetória é minha, mas é de muita gente junto comigo. Hoje, eu sou liderança e sei que depositam muita esperança em mim. E é por isso que eu desenvolvo um trabalho com as crianças daqui, para que todas elas se reconheçam indígenas, saibam disso e tenham orgulho de onde elas vêm. Nós não precisamos ser tutelados, precisamos saber quem somos e acreditar na capacidade que temos. Precisamos de políticas públicas a partir dos nossos modos de vida que garantam a preservação das nossas florestas e dignidade para as pessoas. Passamos três horas escutando sua história. Estávamos diante de uma divindade. Witoto.

Recebido em maio de 2025.

Aprovado em dezembro de 2026.